

OS DOIS CÁLICES DE CRISTO NA ÚLTIMA CEIA

Entre as centenas de alegados cálices da Última Ceia, dois atraem a atenção dos especialistas em relíquias. Segundo uma nova hipótese – apresentada agora em primeira mão –, ambos podem ter passado pelas mãos de Jesus Cristo no início de sua paixão.

Há mais de cinco anos, o jornal espanhol *El País* publicou uma matéria com o curioso título de “A batalha do Santo Graal: dois cálices reivindicam ser o tesouro perdido de Cristo”. Entre centenas de pretendentes ao cálice da Última Ceia espalhados pelo mundo, duas pretensas relíquias foram destacadas pelo jornalista e não era para menos: ambos os objetos, custodiados na Espanha, carregavam séculos de história e mereciam cuidadosa atenção de qualquer estudioso do tema. Dois anos após a publicação daquela matéria, em um colóquio com professores do departamento de História e Arqueologia da Universidade de Santiago de Compostela, na Espanha, fui confrontado com a questão: “Em sua opinião, qual é o Graal verdadeiro?”.

Naquela época, a minha resposta estava na ponta da língua. O objeto exposto na Catedral de Valência, na Capilla del Santo Cáliz, gozava de maior credibilidade, sem dúvida. Os dois antecessores do Papa Francisco fizeram questão de venerá-lo e de utilizá-lo na celebração da Missa, em 1982 e 2006. Em

2015, o atual Pontífice instituiu o ano jubilar eucarístico do Santo Cálice que, a partir de então, deveria ser celebrado a cada cinco anos. Segundo um estudo detalhado do doutor Antonio Beltrán, apresentado em 1962, havia fortes evidências arqueológicas para sustentar que aquela era a verdadeira relíquia cristã. O artefato confeccionado em ágata cornalina, possivelmente em uma oficina do Oriente Médio (Egito, Síria ou Palestina), poderia ser datado entre os séculos IV a.C. e I d.C., ou seja, havia uma probabilidade razoável de ter estado nas mãos de Cristo na Última Ceia.

A alegada história por trás daquele objeto também era fasci-

nante e corroborava as evidências arqueológicas. Segundo uma larga tradição, aquele cálice teria sido herdado por São Pedro e levado a Roma, onde passaria pelas mãos de seus 23 sucessores. Durante a perseguição de Valeriano, no século III, São Lourenço recebeu uma missão do Papa Sisto II: proteger os tesouros da Igreja. Graças ao diácono e tesoureiro, o santo cálice teria sido mandado secretamente à sua terra natal, a Hispania, e aí teria passado por alguns esconderijos, inspirando lendas, sido remodelado à moda das taças reais medievais e, finalmente, desembarcado na Catedral de Valência na primeira metade do século XV.

Definitivamente, não seria tarefa fácil encontrar um competidor à altura. Em 2014, os autores espanhóis Margarita Torres e José Miguel Ortega abraçaram essa tarefa com o lançamento da obra *Los reyes del Grial*. Com argumentos históricos, a obra alardeava a descoberta do verdadeiro Graal e não era o de Valência. Para os autores, a autêntica relíquia havia se tornado conhecida como cálice de dona Urraca e estava esquecida na Real Colegiada de San Isidoro, em León, Espanha. O sucesso do livro inspirou o documentário *Onyx, los reyes del Grial*, estrelado por Jim Caviezel em 2018, que arrastou multidões para apreciar o



Cálice exposto na Catedral de Valência, na Capilla del Santo Cáliz.

tesouro reencontrado, obrigando seus guardiões à trasladá-lo para uma sala especial. Confeccionado em ônix, esse cálice apresentaria boas evidências a seu favor para ter estado nas mãos de Cristo na Última Ceia? A resposta é sim! Em visita à Terra Santa, peregrinos dos primeiros séculos registraram ali a presença do cálice da Última Ceia. Embora os relatos sejam divergentes em relação ao material e ao formato, um deles, o do peregrino anônimo de Piacenza, chama a atenção. Da Terra Santa, o cálice teria sido carregado ao Egito e de lá seguido para a Espanha, como presente à taifa de Denia pelo apoio durante a fome que assolou a região. Por sua vez, o sultão de Denia enviaria a relíquia como oferta de paz ao rei Fernando I, pai de dona Urraca – daí o apelido do cálice. Os documentos descobertos por Gustavo Turienzo na Biblioteca do Cairo, no Egito, foram apresentados em *Los reyes del Grial* como prova documental incontestável de que o cálice de dona Urraca seria o autêntico cálice da Última Ceia, o verdadeiro Santo Graal.

Nessa seara, vale o ditado “Devagar com o andor que o santo é de barro”. Com conclusões apressadas, a obra espanhola foi rechaçada por Turienzo e por estudiosos do tema como uma peça mais fantasiosa que histórica. Para a pesquisadora Catalina Martín Llores, da Universidade Católica de Valência, na Espanha, a trajetória do cálice da Última Ceia teria sido corretamente apontada na polêmica obra. A relíquia real teria sido trasladada para o Egito e de lá para a Espanha, mas essa relíquia não se tratava do cálice de dona Urraca, e sim do de Valência, que teria chegado às mãos da coroa de Aragão, graças à petição do rei Jaime II, entre 1322 e 1327. Segundo a pesquisadora, a história do cálice da Última Ceia herdado por São

Pedro e enviado à Hispânia por São Lourenço não passaria, portanto, de lenda dourada e os relatos dos primeiros peregrinos poderiam ser descartados por patentes divergências entre si.

Volto ao colóquio com os professores na Universidade de Santiago de Compostela. Nos dias de hoje, teria respondido à indagação inicial com outra questão: “E se ambos os cálices tiverem passado pelas mãos de Cristo em sua última ceia com os apóstolos?” No último ano – pouco após minha pesquisa sobre a coroa de espinhos –, passei a me dedicar ao estudo dessa fascinante relíquia. Para tentar entendê-la, é preciso olhar com atenção para a tradição judaica da refeição pascal, o *seder de Pessach*, que contemplava quatro cálices. Como Jesus afirmou, Ele não veio revogar a lei (cf. Mt 5,17), tampouco pretendia simplesmente participar da tradicional ceia pascal. Ele ofereceria, sim, algo novo em sua última refeição com os apóstolos. Em um dos evangelhos, há indícios de que Jesus teria usado mais de um cálice na Última Ceia, bem como o significado de cada um deles. Quando chegou a hora, ele se pôs à mesa com seus apóstolos e disse-lhes: “Desejei ardentemente comer esta Páscoa convosco antes de sofrer; pois eu vos digo que já não a comerei até que ela se cumpra no Reino de Deus”. Então tomando um cálice, deu graças e disse: “Tomai isto e reparti entre vós; pois eu vos digo que doravante não beberei do fruto da videira, até que venha o Reino de Deus” (Lc 22,14-18). E prosseguiu: “E tomou um pão, deu graças, partiu e distribuiu-o a eles, dizendo: ‘Isto é o meu corpo que é dado por vós. Fazei isto em memória de mim’. E, depois de comer, fez o mesmo com o cálice, dizendo: ‘Este cálice é a nova aliança em meu sangue, que é derramado em favor de vós (...)’” (Lc 22,19-20)



ESTANDARTE

Faça um estandarte para o(a) padroeiro(a) da sua comunidade: um jeito diferente e alegre para a sua Igreja e procissão!

Você escolhe o tamanho e a estampa do(a) santo(a) padroeiro(a) e nós fizemos o estandarte para você!

Entre em contato para mais informações:

Leonardo Rodrigo

☎ (31) 98344-4005

✉ lrsds76@gmail.com



Em São Lucas, dois cálices são mencionados. Essa passagem chegou a causar confusão em alguns tradutores e foi editada em versões da Bíblia. Ao menos dois cálices passaram pelas mãos de Jesus com um significado que certamente o evangelista não ignorava. Há uma distinção clara entre o objeto usado na celebração do rito antigo da

iluminar a verdade por trás dessas relíquias. De que maneira os dois maiores pretendentes poderiam se encaixar no episódio bíblico? Uma pista inicial foi trazida à luz na tese de María Mafé García. Para a doutora em História da Arte, o volume do cálice de Valência poderia servir como uma evidência de autenticidade, era a medida usada pelos

judéus, mas haveria ainda outra evidência mais interessante do ponto de vista simbólico: o material. A pedra usada para a confecção do cálice teria sido catalogada na Antiguidade como sárdio, pedra que identificava a tribo de Judá (casa de Davi), da qual Cristo provinha. Para muitos, isso bastaria para encerrar a discussão sobre o cálice verdadeiro. Para mim, ela

aponta para algo mais amplo. No século VI, o já mencionado peregrino anônimo de Piacenza registrou em detalhes sua viagem à Terra Santa. Na basílica de Constantino, ele esteve diante de um suposto cálice da Última Ceia e nos ofereceu uma valiosa informação sobre a relíquia: “Há também a taça de ônix, a qual nosso Senhor abençoou na Última Ceia, e muitas outras relíquias”. O cálice de ônix corresponderia ao cálice de dona Urraca. Possivelmente, os autores

de *Los reyes del Grial* tenham acertado ao descrever sua trajetória com base nas descobertas de Turienzo. Aquele cálice, venerado por um peregrino anônimo no século VI, teria sido trasladado para o Egito e de lá para a Espanha. Se a tese da doutora María Mafé García logrou defender a autenticidade do cálice de Valência, evocando como uma das evidências a pedra ágata, poderíamos enxergar o cálice de ônix na Última Ceia com base no simbolismo da pedra?

No Êxodo, há informações detalhadas para a confecção das vestes sacerdotais e há uma instrução específica para o sumo sacerdote carregar os nomes dos filhos de Israel diante do Senhor: “Tomarás duas pedras de ônix e gravarás nelas o nome dos filhos de Israel. Seis nomes em uma e os outros seis na outra, por ordem de nascimento (...). Porás as duas pedras nas ombreiras do efod, como memorial para os filhos de Israel; e Aarão levará os seus nomes sobre os ombros à presença de Iahweh, para memória” (Ex 28,9.12).

Em pedras de ônix foram gravados os nomes dos filhos de Israel, que deram origem às doze tribos do povo escolhido por Deus, do povo com quem o Senhor firmou a primeira aliança. Em São Lucas, a primeira parte da ceia segue o rito tradicional judaico, sem dúvida. O primeiro cálice do seder de Pessach é baseado na promessa divina “Eu sou Iahweh, e vos farei sair de debaixo da carga do Egito” (Ex 6,6). Deus separou um povo, uma nação, para servi-lo. Para esse momento do ritual, parece oportuno que Jesus tenha escolhido uma taça de ônix. Ele seria o sumo sacerdote que carregaria os nomes dos filhos de Israel – originalmente gravados em pedra – à presença do Senhor. A escolha de uma taça de ônix serviu apenas para tornar mais grandioso



Imagem: travelsecretsmag.com

Cálice de dona Urraca na Real Colegiada de San Isidoro, em León, Espanha.

Páscoa judaica e um segundo, escolhido especialmente para selar a nova aliança.

Há algum tempo, como especialista em relíquias, meus olhos se acostumaram a buscar simbolismos ocultos em relíquias cristãs, simbolismos que revelam realidades elevadas e comprovam as verdades já consagradas da fé. Um simbolismo oculto para nós – mas claro para o protagonista – pode ser a chave para desvendar o grande mistério dos cálices da Última Ceia e

aponta para algo mais amplo.

No século VI, o já mencionado peregrino anônimo de Piacenza registrou em detalhes sua viagem à Terra Santa. Na basílica de Constantino, ele esteve diante de um suposto cálice da Última Ceia e nos ofereceu uma valiosa informação sobre a relíquia: “Há também a taça de ônix, a qual nosso Senhor abençoou na Última Ceia, e muitas outras relíquias”. O cálice de ônix corresponderia ao cálice de dona Urraca. Possivelmente, os autores

o que ocorreria na segunda parte, a mais importante.

Após a divisão do pão, o evangelista nos apresenta um segundo cálice, o cálice da bênção ou da salvação – uma referência à promessa divina: “Vos resgatarei com mão estendida” (Ex 6,6). A taça de ágata não foi uma escolha fortuita: era um sinal evidente de que o Salvador já havia chegado de Judá e o seu sangue selaria a nova aliança entre Deus e o povo eleito, uma aliança que se alargaria para abarcar toda

a humanidade. O sumo sacerdote Jesus Cristo já não levaria os nomes à presença de Iahweh, para memória, mas instituiria a celebração eucarística que deveria ser feita em sua memória para nos alçar todos ao Reino dos Céus.

No simbolismo dos dois cálices, a observação de Santo Agostinho se encaixa como uma luva: “O Novo [Testamento] está escondido no Antigo. E o Antigo é desvendado no Novo”. Nos dois cálices escolhidos para a última refeição, Deus nos

mostra o caminho de nossa salvação. Não é possível assegurar que os cálices em León e Valência tenham estado na Última Ceia, mas podemos enxergar ambos nas mãos de Jesus – um de ônix e outro de ágata. Ele teria escolhido, sim, aquelas peças – ou outras bastante similares – como uma história nas entrelinhas, uma história que confirma o mistério sublime de nossa redenção.●

Fonte: *Vatican News*

A TERCEIRA EDIÇÃO DO MISSAL ROMANO É APROVADA NO BRASIL

Padre Leonardo José de Souza Pinheiro, assessor para a Comissão de Liturgia da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) e secretário da Comissão Episcopal para os Textos Litúrgicos (CETEL), esteve no Rádio Vaticano em 17 de março de 2023 e compartilhou em primeira mão uma novidade, logo após sair do Dicastério para o Culto Divino e Disciplina dos Sacramentos com o documento de aprovação em mãos: depois de dezenove anos foi aprovada a tradução da terceira edição típica do *Missal romano* para o Brasil, fruto de muito trabalho e dedicação de muitos bispos, sacerdotes e leigos especializados, ressaltando que alguns deles já partiram deste mundo, por isso, essa aprovação é motivo de grande alegria.

REVISÃO NA TRADUÇÃO

Em entrevista a Silvonei José, durante a edição do meio-dia do programa brasileiro, Padre Leonardo afirmou que não são propriamente mudanças, ocorreram revisões na tradução. O *Missal romano* é publicado em língua latina na sua versão

oficial e cada país, por meio da conferência episcopal, tem a missão de traduzi-lo para sua própria língua. Há dezenove anos aconteciam esses trabalhos de tradução e em 15 de dezembro de 2022 foi entregue ao dicastério para ser avaliado e aprovado e hoje veio a aprovação.

DEZENOVE ANOS DE TRABALHO

Sobre o longo tempo (dezenove anos) para a revisão, Padre Leonardo disse que “por se tratar de um trabalho de tradução é algo muito sério, pois nesse caso não é como traduzir uma carta ou um e-mail, o que se faz rapidamente. No *Missal romano* está contida a fé da Igreja em oração, portanto, é um trabalho que precisa ser feito por especialistas, por peritos, com muito cuidado, com muita oração, pedindo a assistência do Espírito Santo, pois não é uma tradução qualquer, o resultado dela vai exprimir naquele país, para aquele povo, a fé da Igreja. Foi um trabalho muito meticuloso e a responsabilidade por ele é sempre do episcopado da nação, auxiliado por peritos, por pessoas que têm formação litúrgica, linguística,

assim se faz essa proposta de tradução que vai acontecendo pouco a pouco, avaliada e aprovada pelo episcopado”.

ÚLTIMOS AJUSTES

A respeito dos próximos passos, Padre Leonardo relatou que “serão dados os encaminhamentos finais, revisando o que foi apontado pelo dicastério, que não diz respeito ao conteúdo, mas à forma, inserir as partituras das músicas, e uma vez tendo o texto aprovado podem-se anexar as partituras, ou seja, o texto cantado, e fazer os últimos complementos no que diz respeito à diagramação e às fitas a serem colocadas”.

Em relação à publicação do novo *Missal romano* ainda não há previsão. Existe a possibilidade de que a data seja anunciada durante a assembleia-geral da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, que acontecerá no mês de abril, tanto para a publicação quanto para a obrigatoriedade do uso da nova tradução, levando em conta o tamanho do Brasil e suas realidades tão plurais.●

Fonte: *Vatican News*